

SEGUNDO CADERNO

ZUENIR VENTURA

Paz sem voz
não é paz, é medoConstruir a ponte cultural
pode até produzir mártires, como Yuka

A primeira vez que ouvi falar de Marcelo Yuka foi há alguns meses, conversando com meu amigo Flávio Pinheiro, sempre antenado. Ele vinha de um almoço com o baterista e compositor do grupo O Rappa e ficara impressionado com a figura e com o que ouvia. Marcelo lhe disse então que algo de novo e de assustador começava a frequentar as favelas cariocas: o rancor.

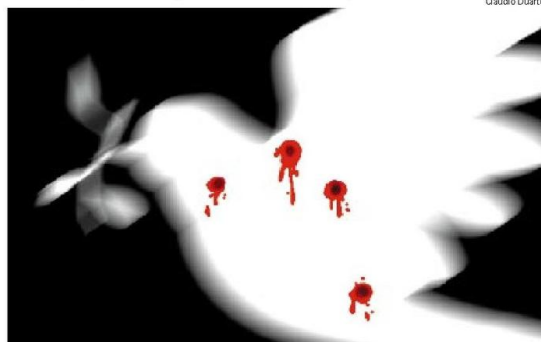
Tudo aquele mitológico astral que se encontrava nos mortos, cantado em melodia e verso — o afeto, a fraternidade, as relações amenas — tudo isso estava dando lugar a um ressentimento, a um ódio sem causa e sem razão aparentes ou imediatas.

Moleque criado em região pobre, vizinho atual de uma favela, cronista de um cotidiano cuja rotina ele vivencia com poucos, Yuka estava chocado com um dos sinais desse novo clima: um CD de fundo de quintal de um grupo funk. O disco era tão violento que ele explicou assim o que sentiu: "Na terceira música, Flávio, eu já estava com taquicardia!" Conhecendo como conhece a poética crueza das composições de Yuka, meu amigo tentava imaginar a carga de violência contida no tal CD, sob risco, ele também, de uma taquicardia diante da revelação.

Me lembrei dessa conversa quando li as primeiras notícias sobre o que o líder do Rappa sofreu ao tentar evitar o assalto a uma mulher: os quatro tiros que levou, as quatro cirurgias, a lesão na segunda vértebra cervical, o risco de ficar paraplégico, o sofrimento da família, os dias de angústia.

Tudo na cena — o impulso generoso, a tentativa arriscada de ajuda, a estúpida reação dos sete bandidos, que atiraram por atirar, nem mesmo para roubar — precisava apenas de música e poesia para se transformar em uma das composições de Yuka, todas voltadas para o universo dos excluídos, do qual ele é uma das vozes militantes mais lúcidas e poderosas.

Vejam o que diz uma delas: "A minha alma está armada/ e apontada para a cara/ do sossego/ pois paz sem voz/ não é paz é medo/ às vezes eu falo com a vida/ às vezes é ela quem diz/ qual a paz que eu não quero conservar/ para tentar ser feliz".



Cláudio Duarte

Por coincidência, no fim da semana passada, quando Marcelo Yuka ainda estava entre a vida e a morte no hospital, duas revistas, "Domingo" e "Epoca", trataram de uma tendência cada vez mais visível em cidades como Rio e São Paulo. Por um lado, jovens de classe média frequentando bailes e divertimentos das favelas. Por outro, os excluídos se fazendo ouvir cada vez mais pelos artistas locais ou pelos do lado de cá. Se Marcelo é o melhor exemplo do primeiro caso, Fernanda Abreu, cujo CD "Entidade urbana" também acaba de

sair, é o melhor representante do olhar mais de fora. A matéria da revista paulista, "Miséria e arte", mostra como a literatura, o cinema e a música têm sido estimulados pelos dramas da desigualdade social. São escritores como o estreante paulista Ferréz, do violento Capão Redondo, ou como a consagrada Patrícia Melo, de "Inferno", passando por Paulo Lins, do clássico "Cidade de Deus", sem falar no cinema de Cacá Diegues, João Salles, Eduardo Coutinho, Katia Lund, Paulo Caldas e Marcelo

Luna, ou nos raps de Mano Brown, MV Bill, Criminal D, Xis, entre outros.

A revista "Domingo" acompanhou jovens de classe média que "trocam o circuito cinema-lanchonete-boate-da-moda pela diversão em lugares populares que carregam uma certa aura da marginalidade", como escreveu a repórter Cleo Guimarães.

E que lugares são esses no Rio? Podem ser os bailes funk da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, ou da favela de Rio das Pedras, em Jacarepaguá (um dos pontos mais quentes), ou um salão de sinuca na Lapa, ou uma biroscas de morro onde se toma catuaba selvagem ou bares em zonas de prostituição.

O mais curioso é que essa garotada de 15 a 20 anos enfrenta a resistência dos pais, o preconceito, a discriminação e o estigma social nem sempre atraída pelo perigo e pelo pecado, conforme o estereótipo, mas por encontrar ali o diferente, que lhe parece melhor.

Esses programas, informa a repórter, "são visto pelos jovens como mais saudáveis que as casas noturnas da Zona Sul, para eles recheados de gangues de violentos lutadores de jiu-jitsu". Uma menina de 15 anos, cuja mãe a mataria se soubesse onde ela vai — pelo menos é o que diz — "justifica sua preferência pela atração da 'vida como ela é', ou seja, dos lugares 'longe da playboyzada, onde eu possa ser eu mesma'".

Alguns conscientemente, outros sem saber, essa gente toda, os artistas e a garotada, está estabelecendo uma ponte sobre o preconceito, tentando ligar culturalmente uma cidade à outra, um pouco como faziam aqueles ousados frequentadores da lendária casa da Tia Ciata no princípio do século, quando a polícia perseguia os que gostavam de um gênero maldito que dava os seus primeiros passos na Praça Onze, o samba. Como diz Fernanda Abreu, eles estão despartindo a cidade partida. O trabalho nem sempre é fácil. A construção de uma ponte dessas, unindo o que a economia separa, tem riscos e acidentes, podendo até produzir mártires. Marcelo Yuka é um deles.

Email para esta coluna: zuenir@oglobo.com.br

O GLOBO
EDITOR: Sérgio Rodrigues (sergio@oglobo.com.br)
EDITORES ASSISTENTES: Antonio Carlos Miguel (antonio@oglobo.com.br), Paulo Butcher (butcher@oglobo.com.br) e Neri Rubin (neri@oglobo.com.br)
DIAGRAMADORES: Luiz Eduardo Canello (luc@oglobo.com.br) e Tânia Navega (tania@oglobo.com.br)
Telefone/Redação: 534-5000 Publicidade: 534-5500
Correspondência: Rua Innau Marinho 35 - 2º andar, CEP: 20230-901

SEGUNDO CADERNO
PEQUENO DICCIONÁRIO AMOROSO
Teatro dos Quatro
Lançamento da obra de Luiz Fernando Lobo

NOTAS
• **HOMENAGEM A PLÍNIO**
Para marcar um ano de morte do dramaturgo Plínio Marcos, Alexandre Borges e José Moreira fazem amanhã, às 20h, na Casa da Gávea, uma leitura de "Dois perdidos numa noite suja". Os atores estão pedindo aos elencos das peças em cartaz na cidade que dediquem a noite ao autor.
• **CENA TEATRAL**
O diretor de teatro Luiz Fernando Lobo inicia hoje, no Centro de Arte Hélio Oiticica, o curso A Construção do Espetáculo. As aulas são direcionadas a atores, técnicos e pessoas interessadas no processo de construção e linguagem da cena teatral. Informações: 539-2873 ou www.ensaioaberto.org.

Cabelo mostra desenhos para ver e vestir no Centro

Artista diz que trabalhos são fruto de 'autopsicografia'

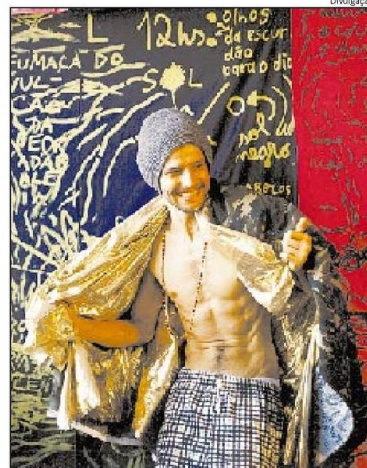
Daniela Name

Rodrigo Saad, o Cabelo, diz que seu conhecimento de histórias em quadrinho se restringe à Turma da Mônica. E é justamente nos gibis de Maurício de Souza que o artista plástico, mais conhecido pelas instalações e performances, encontra a melhor forma de explicar os desenhos sobre tecido que expõe a partir de segunda-feira na Galeria Paulo Fernandes, no Centro. Para Cabelo, a repetição de personagens e palavras sobre diferentes panos coloridos tem um efeito semelhante ao da visão dos passeios de Mônica, Cebolinha, Cascão e Magali sob céus que ora são azuis, ora rosos, ora alaranjados...

— São desenhos muito gráficos, que surgem de forma automática e têm uma relação forte com a palavra, com o rap. Parodiando Fernando Pessoa, também estou fazendo uma "autopsicografia", porque é como se estivesse recebendo todas as coisas que escrevo de santos que vêm de mim mesmo — diz ele, que começou na banda Boato e, aos 33 anos, já tem no currículo uma participação na Documenta de Kassel e várias exposições internacionais.

Artista vê paralelo com obra de Henri Michaux

A Paulo Fernandes exhibe cerca de 15 peças e uma delas — ponte natural com a performance e a investigação do corpo — inclui uma capa e uma máscara que podem ser vestidas. Cabelo, cujo apelido vem dos tempos mais hippies, em que cultivava longas madeixas encapuçadas, diz que todos os trabalhos foram feitos sem qualquer ordenação. Praticamente cuspiu as palavras, nu-



CABELO E O desenho que pode ser vestido: relação com a palavra

ma espécie de "dada" gráfico que pode revelar tanto um emaranhado de reflexões esparsas quando um conjunto cheio de sentido.

Admirador de poetas como Manoel de Barros e Jorge de Lima, ele vê relação entre os desenhos e a obra de Henri Michaux. A poesia o levou à arte. Mas, antes das letras, o caminho foi mostrado pelas minhocas. Cabelo até hoje não sabe direito se ele cultivou os anêlidos ou se foram eles que o cultivaram como artista.

Nascido na cidade capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, ele veio morar no Rio ainda criança e sonhava em ser engenheiro, para construir estradas de rodagem. Não suportou

as aulas de cálculo, tomou bomba algumas vezes e resolveu que ia ganhar dinheiro com adubo, produzido pelas minhocas. Mas a única coisa que conseguiu conquistar com a convivência com os bichinhos foi uma verminose múltipla.

De cama, leu todos os atiradores. E a poesia de Pessoa e Ferreira Gullar o conduziu para o caminho da arte. Passou a costurar palavra e gesto no Boato e nas performances. E acredita que, embora os desenhos sejam mais comercializáveis que seus trabalhos anteriores, são coerentes com seu percurso como artista.

— Tudo faz parte da mesma obra — diz ele. ■

Embratel
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?
DE EDUARDO ALBEE
DIREÇÃO JOÃO FALCÃO
MARIETA SEVERO
MARCO NANINI
SÍLVIA BUARQUE
FÁBIO ASSUNÇÃO
CURTA TEMPORADA
TEATRO JOÃO CAETANO QUINTA DOMINGO
BILHETERIA: 221-1223 TELEFONES: 607-8796
FAST SHOW: 558-8742 DISK SHOW: 285-2718
Rio Sul

